

a proteção carinhosa de um rapaz que a fitava, enamorado.

O Ministro sorriu e explicou-nos:

— Este é Lucas, irmão de Antonina, atualmente futuroso gráfico na capital paulista, cuja bela formação espiritual associar-se-á, em breve, com a primogênita de Amaro, para a execução das tarefas que a esperam no mundo.

Cortando-nos a possibilidade de excessivas inquirições, o instrutor acrescentou:

— Tudo é amor no caminho da vida. Aprendemos a usá-lo na glorificação do bem, com o nosso próprio trabalho, e tudo será bênção.

Retirámo-nos, satisfeitos.

E porque o dever nos convocava a distância, seguimos à frente, tentando assimilar com o nosso abnegado orientador a preciosa conjugação do verbo servir.



XXXIX

PONDERAÇÕES

Decorrido um mês sobre os esponsais de Silva, certa noite, por solicitação de Odila, fomos em busca de Zulmira e Antonina para uma reunião íntima, no Lar da Bênção.

Ambas, alegres, revelavam-se enlevadas fora do corpo denso.

Enlaçadas e felizes, contemplavam a Terra e o céu, tocadas de sublime esperança.

Reduzida assembleia de amigos aguardava-nos no domicílio de Blandina, em meio de cativantes manifestações de carinho e de apreço.

Dentre todas as afeições presentes, sobrelevava-se Irmã Clara, que viera igualmente ter conosco.

As duas excursionistas, ao contacto daquele ambiente de genuína fraternidade, rendiam-se ao êxtase da paz e da alegria.

Afigurava-se-lhes haver encontrado o paraíso, tão pura se lhes desenhava no semblante a exalação interior.

No recinto amplo que Blandina adornara de flores, permutavam-se frases amigas e consoladoras impressões.

Multiplicadas notas de beleza enriqueciam a conversação, quando Antonina, mais lúcida que a companheira, indagou pela razão do favor de que se viam aquinhoadas.

O reconhecimento transbordava-lhes do coração, à maneira do perfume a evadir-se do frasco. Clara afagou-a, de leve, e explicou, maternalmente:

— Filhas, em nossa romagem na vida, atra-

vessamos épocas de sementeira e fases de colheita. Na missão da mulher, até agora, vocês receberam do tempo os choques e os enigmas plantados a distância. Com a humildade e a fé, com o bom ânimo e o valor moral, venceram árduos conflitos que lhes fustigavam as melhores aspirações. Foram dias obscuros do pretérito refletidos no presente, contudo, agora, asserenou-se-lhes a estrada. A paciência a que se devotaram evitou a formação de nuvens da revolta e o céu se fêz, de novo, claro e alentador. E' como se o dia renascesse, resplendente de luz. O campo da existência exige mais trabalho e o tempo de semear ressurge alviçareiro.

A palestra em torno cessara de repente.

Os circunstântes buscavam ouvir a benfeitora, significando, com o silêncio, que nela se encarnava para nós a sabedoria.

Depois de ligeiro intervalo, nossa amiga continuou:

— Agora, que a oportunidade favorece a renovação, é preciso saber reconstruir o destino. Não ovidemos. A vida reduz-se a triste montão de treva, quando não se faz plena de trabalho. Fugamos à velha feira da lamentação onde a inércia vende os seus frutos amargosos! Para levantar, porém, a escada de nossa ascensão, é imprescindível banhar o espírito, cada dia, na fonte viva do amor, do amor que recompensa a si mesmo com a alegria de dar! O Pai Celeste é onipresente, através do amor de que satura o Universo. O sentimento divino é a corrente invisível em que se equilibram os mundos e os seres. Do Trono Excelso nasce o eterno manancial que sustenta o anjo na altura e alimenta o verme no abismo. A mulher é uma taça em que o Todo-Sábio deita a água milagrosa do amor com mais intensidade, para que a vida se engrandeça. Irmãs, sejamos fiéis ao mandato recebido. Em muitas ocasiões, quando nos prendemos à lama do egoísmo ou ao visco do ódio, poluímos o líquido sagrado, transformando-o em ve-

neno destruidor. Guardemos cautela. O preço da verdadeira paz reside no sacrifício de nossas existências. Não há sublimação sem renúncia no castelo da alma, como não há purificação no cadiño, sem o concurso do fogo que acrisola os metais!...

Clara fitou Antonina, de modo particular, e aduziu:

— Filha, nossa Zulmira comprehende hoje, sem necessidade de maior incursão no passado, o santo dever de asilar o pequeno Júlio no santuário materno...

Percebemos que a instrutora, registrando o imperativo do descanso mental para a segunda esposa do ferroviário, que vinha de terminar longas refregas na preservação da própria saúde, buscava poupar-lhe exercícios mnemônicos.

— Nossa amiga — prosseguiu, indicando Zulmira com o olhar — está consciente de que a maternidade a espera de novo, em tempo breve... E você?

Com a irradiante bondade que habitualmente lhe marcava a expressão fisionômica, acentuou:

— Recorda-se das experiências antigas e permanece atenta às razões que lhe inspiraram o segundo matrimônio?

Ante a surpresa que se estampou no semblante da interpelada, a orientadora, num gesto que nos era conhecido, nas operações magnéticas de Clárcio, acariciou-lhe a fronte, de leve, e repetiu:

— Lembre-se! lembre-se!...

Bafejada pelo poder de Irmã Clara, em determinados centros da memória, Antonina fêz-se pálida e exclamou, controlando a própria emoção:

— Sim, sou eu a cantora! Revejo, dentro de mim, os quadros que se foram!... Os conflitos no Paraguai!... Uma chácara em Luque!... a família ao abandono!... José Esteves, hoje Mário... Sim, percebo o sentido de minhas segundas núpcias!...

Denotando aflição no olhar, acrescentou:

— E Leonardo? onde está Leonardo, o infeliz?

— Não precisa dilatar reminiscências — disse Clara, bondosa —; não nos achamos num gabinete de experimentos e sim numa reunião fraternal.

Fitando-a significativamente, ajoutou:

— Basta que você se recorde.

Em seguida, repartindo a atenção entre as duas, prosseguiu:

— Brevemente, vocês serão chamadas a novo esforço, no apostolado materno. Zulmira recolherá o nosso Júlio na concha do coração e você, Antonina, restituirá a Leonardo Pires, seu avô e associado de destino, o tesouro do corpo terrestre. No santuário doméstico, as afeições transviadas se recompõem, a fim de que possamos demandar o futuro, ao clarão da felicidade. Filhas, ninguém avança sem saldar as próprias contas com o passado. Paguemos, desse modo, os débitos que nos aprisionam aos círculos inferiores da vida, aproveitando o tempo de detenção no resgate, em maior aprimoramento de nós mesmas. Amemos, aperfeiçoando-nos! Identifiquemos no lar humano o caminho de nossa regeneração! A família consanguínea na Terra é o microcosmo de obrigações salvadoras em que nos habilitamos para o serviço à família maior que se constitui da Humanidade inteira. O parente necessitado de tolerância e carinho representa o ponto difícil que nos cabe vencer, valendo-nos dele para melhorar-nos em humildade e compreensão. Um pai incompreensivo, um esposo áspero ou um filho de condução inquietante, symbolizam linhas de luta benéfica, em que podemos exercitar a paciência, a docura e o devotamento até ao sacrifício!... Especialmente, no tocante aos filhos, não nos esqueçamos de que pertencem a Deus e à vida, acima de tudo!... Na esfera carnal, a Providência Divina nos sela a memória, no favor do renascimento, envolvendo-nos com o sopro renovador de abençoada esperança! Por isso mesmo, não nos cabe olvidar que os filhos são sempre lacos preciosos da existência, requisitando-nos equi-

lório e discernimento em todas as decisões... Para desobrigar-nos da grande tarefa que a maternidade nos impõe, é imprescindível entender-lhes o psiquismo diferente do nosso, a exigir, muitas vezes, um tipo de felicidade que não se harmoniza com o nosso modo de ser. Saibamos, assim, prepará-los, sem egoísmo, para o destino que lhes compete! O carinho escravizante assemelha-se a um mel envenenado, enredando-nos na sombra. Conservemos nosso espírito arejado pela justiça, para que a nossa afetividade seja uma bênção com a possibilidade de educar os que nos cercam, na escola do trabalho salutar!...

Na pausa que surgiu, espontânea, Zulmira indagou com simplicidade:

— Abnegada benfeitora, como agir para solucionar os problemas com segurança?

— Vocês superaram dias alarmantes de crise espiritual — informou a orientadora, prestimosa — e conquistaram o ensejo de reestruturação do próprio destino. Agora, repitamos, é tempo de semear. Valorizemos a oportunidade de reaproximação. São vocês dois núcleos de força, suscetíveis de operar valiosas transformações nos grupos domésticos a que se ajustam. Façamos da amizade o entendimento fraternal que tudo compreende e tolera, movimenta e ajuda, na extensão do Sumo Bem. A vizinhança e a convivência, no fundo, são dons que o Senhor nos concede a benefício de nosso próprio reajuste.

Porque Zulmira e Antonina ensaiassem perguntas novas, Clara acentuou:

— Não temam. A prece é o fio invisível de nossa comunhão com o Plano Divino e, à luz da oração, viveremos todos juntos. Em todas as vidas, prefiramos para nós a renúnciação construtiva. Situar a responsabilidade de nosso lado é facilitar a solução dos problemas.

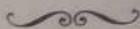
Sorridente, rematou:

— Não nos esqueçamos do privilégio de servir.

Logo após, o pequeno Júlio foi trazido ao re-
cinto por vasto cortejo de gárrulas crianças.

Risos e lágrimas se misturaram no louvor à
Bondade Divina.

Depois de algumas horas consagradas ao re-
conforto, escoltámos, de novo, as duas mães, recon-
duzindo-as ao campo físico para o sublime labor
no lar terrestre.



XL

EM PRECE

Depois de um ano sobre o casamento de An-
tonina, dirigimo-nos todos juntos à residência do
ferroviário, na qual tantas vezes nos reuníramos
entre a prece e a expectação.

A vida marchara como sempre...

Júlio e Leonardo haviam renascido em paz,
quase que ao mesmo tempo, trazendo ao mundo
elevados programas de serviço. Recém-chegados à
Terra, sorriam ingênuamente para nós, conchega-
dos ao colo materno.

Amaro e Zulmira, Silva e Antonina, cônscios
das obrigações que haviam assumido, prosseguiam
juntos, entrelaçados na mesma compreensão fra-
ternal.

O singelo domicílio mostrava-se magnificamen-
te florido, superlotado de amigos soridentes.

Lucas e Evelina celebravam os esposais.

Nos dois planos, entre encarnados e desencar-
nados, tudo era esperança e alegria, paz e amor.

Os noivos fitavam-se venturosos e Odila, na
função de sacerdotisa do lar, ia e vinha, pondo e
dispondo na direção do acontecimento.

Entardecia, quando o juiz, com a felicidade de
todos, lido o contrato de matrimônio, pronunciou
o clássico «declaro-vos casados em nome da Lei».

Oscularam-se os nubentes com inexcedível afe-
to e vimos espantados que Odila, em muda oração,
se transfigurava, coroando-se de luz. Desvelou os
olhos que se nos afiguraram mais lúcidos e con-
templou a filha, embevecidamente.

Obedecendo, porém, a secreto impulso, ao in-